

MEMÓRIA, PRESENÇA E DEVIR

nas Máscaras da Infância, do Palhaço e do Ancião.

Maria Aparecida Ferreira de Almeida¹

RESUMO

O presente trabalho integra a pesquisa de mestrado intitulada “*Muito Além do Nariz Vermelho - No caminho ancestral para uma nova epistemologia no processo de ensino aprendizagem em arte educação*”, realizado sob a coordenação da Profa. Dra. Carminda Mendes André, na UNESP. Trata-se da análise e da reflexão de procedimentos artístico-pedagógicos inspirados e baseados em uma tradição, desde sempre humana, do ato de representar, de simbolizar, de significar sua relação com o divino através do culto a objetos e artefatos e do uso de Máscaras, principalmente dar continuidade à pesquisa desenvolvida acerca da Máscara do Ancião, que provém da busca à ancestralidade afro-ameríndia. Doravante pretendo expor alguns fundamentos que se constituíram a partir de hipóteses surgidas no decorrer de minha prática, há mais de três décadas, como artista e docente. Tendo a máscara como veículo de acesso e diálogo para eleição de rudimentos intuitivos surgidos durante o processo de pesquisa e criação, nos âmbitos teóricos e práticos, apresentou-se a mim um recurso metodológico: a criação e a aplicação do que denominei de “Máscara da Infância”, “Máscara do Ancião”, junto com a “Máscara do Palhaço”, favorecendo um estado de neutralidade e de ignorância que as Máscaras, principalmente percebida no estado do palhaço, proporcionam. Esta última é considerada por mim como uma espécie de portal de

¹ Nascida em Salvador-Bahia-Brasil em 1962, é mestranda pelo Instituto de Artes da UNESP (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) sob orientação da Profa. Dra. Carminda Mendes André e é bolsista pela CAPES DS. Pós-graduada em Educação pela Universidade Nove de Julho - SP e graduada em Filosofia pela UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina), é artista formada pela Escola de Arte Dramática-USP. É pesquisadora de procedimentos metodológicos e teoria da aprendizagem para a formação do Intérprete Popular Brasileiro. Docente, artista e filósofa, trabalha na orientação de artistas dentro dessa perspectiva de formação e da comédia brasileira, desde 2001, quando criou o CLÁ ESTÚDIO, espaço de pesquisa, formação e criação artística e onde também gesta o programa de formação ARTE COLETIVA.

acesso para um(a) artista, que traz em sua gênese uma história corporal, criar repertório e fabulação.

PALAVRAS-CHAVE

Máscaras; Ancestralidade; Palhaço; Memória; Presença; Devir; Ancião.

ABSTRACT

El presente trabajo integra la investigación de maestría Mucho Más Allá de la Nariz Roja - En el camino ancestral hacia una nueva epistemología en el proceso de enseñanza aprendizaje en arte educación, realizado bajo la coordinación de la Profa. Dra. Carminda Mendes André, en la UNESP. Trata del análisis de procedimientos artístico-pedagógicos inspirados y basados en una tradición, desde siempre humana, que es el acto de representar, de simbolizar, de significar su relación con lo divino a través del culto a objetos, artefactos y el uso de Máscaras. Dar continuidad a la investigación desarrollada acerca de la Máscara del Anciano, que proviene de la búsqueda a la ancestralidad afro-amerindia. Pretendo exponer algunos fundamentos que se han constituido a partir de hipótesis surgidas en el curso de mi práctica con más de tres décadas como artista y docente. Tiene en la máscara vehículo de acceso y diálogo para elección de rudimentos intuitivos surgidos durante el proceso de investigación y creación. A raíz de estos procesos teóricos y prácticos se presentó un recurso metodológico que fue la creación y aplicación de lo que denominé de Máscara de la Infancia y de la Máscara del Anciano, junto con la Máscara del Payaso, favoreciendo un estado de neutralidad y de ignorancia que las Máscaras, principalmente percibido en el estado del payaso, proporcionan. Esta última es considerada por mí una especie de portal de acceso para un artista que trae en su génesis una historia corporal para la creación de repertorio y fabulación.

KEYWORDS

Máscaras; Ancestro; Payaso; Memoria; Presencia; Devir; Anciano

Licença para compartilhar pensamentos, inspirações e histórias

Parafraseando o Prof. Dr. Eduardo Davi Oliveira, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), peço aqui licença aos que já existiram, aos que existem agora, aos que virão a ser (os

que estão pra nascer) e aqueles que sempre existiram, pois os que sempre existiram estão naqueles que existem, naqueles que existirão e naqueles que já foram.

A prática que estou buscando fabular nasce da experimentação com o segundo grupo de estudos do Clã Estúdio das Artes Cômicas², também chamado de G.E.C.A. (Grupo de Clowns Anônimos), e tem as Máscaras como um veículo de acesso, de aproximação e de diálogo com um estado sensível e de ignorância. Percebida principalmente no estado do palhaço, essa prática proporciona o contato tanto com os aspectos relativos ao riso quanto à eleição de rudimentos intuitivos encontrados em nossa imaginação criadora.

(...)Visto que, como uma máscara, o nariz vermelho opera uma mutação (...) quando se coloca ele, não é apenas um objeto simples que se coloca sobre o rosto, é um acontecimento que surge. O íntimo que é emergir de si mesmo assume de repente uma nova força. (FREIXE, 2018, p. 41.)

Diante da perspectiva de encontrar uma narrativa onde se busca a fundação de uma expressão que caminha à libertação de uma visão eurocêntrica, ainda que respaldada por uma experiência inicial de formação dentro da cultura hegemônica, não podemos deixar de lado que parto do estudo, da aplicação e da análise crítica de uma pedagogia francesa das Máscaras. Sigo aportada, principalmente, na cultura italiana e no meu desprendimento com a pedagogia de Lecoq, que se deu com muita força, ao encontrar no Manual Mínimo do Ator, de Dario Fo (1999), a inspiração e possibilidade de um modelo de organização metodológica.

Lampejos intuitivos

Nessa relação de desconstrução, conto com o espaço de aula como um acontecimento que me permite ir ao encontro com novas narrativas a serem contadas. Nasce daí a reconstrução de histórias e saberes que designo como arqueológica, pela característica epistemológica onde se origina o trabalho, por entender que é um processo de escavação e coleta de materiais residuais de nossa cultura registrado em nossos corpos e que, agregando saberes importantes para um pensamento alargado, crítico e auto reflexivo, pode provocar uma fricção entre o conhecimento hegemônico europeu e revelar o perigo encontrado ao contar uma única história, como adverte a autora nigeriana Adichie (2019). Os saberes

² Clã Estúdio das Artes Cômicas é um espaço em São Paulo, capital, criado em 2001 por Cida Almeida, onde se estuda, pesquisa, aprende e se ensina a Arte Cômica e das Máscaras.

africanos das culturas do Congo Angola - Iorubá e Bantu – e da Nigéria Nagô se apresentaram a mim durante a jornada que gosto de chamar de “de volta pra casa”, feita por caminhos que cada vez mais se constituem como possíveis referências epistemológicas para a compreensão de um estado de conexão com um corpo não visível e que é o objeto do nosso ofício: preencher de vida o nosso corpo presentificado. Como artistas da cena, em uma dimensão para além da arte de interpretar, cabe a nós a *exterpretação*³, ou seja, o ato de representar a sua interpretação, o ofício dessa qualidade de intérprete: fabular. Essa é uma tentativa de poder colaborar para o encontro de uma Poética própria, que envolve consciência ética e pertencimento.

A cultura popular brasileira tem lugar primordial no que proponho aqui, pois, no diálogo entre as etnias africanas e indígenas, em suas diversas manifestações, vamos aos poucos nos percebendo dentro dela e nos reconhecendo como comuns, pertencentes a um diálogo oculto, sobreviventes aos ataques sofridos e repletos de sabedoria ancestral. O que está na intersecção, no centro da encruzilhada, entre diferentes caminhos epistemológicos, são a busca da revelação e as escolhas, principalmente as ideias de ancestralidade, comunidade e pertencimento.

Enquanto trabalhava mais e mais dando aula com as Máscaras, eu ficava muito intrigada ao dar-me conta de corpos aprisionados dentro de uma máscara, aprendendo a "ler" formas geométricas que possivelmente os levariam para o entendimento corporal que ela revelava através da leitura dos seus traços. Perguntava-me: Corpos analfabetos ou Corpos sem alma? Optei, então, por seguir o caminho para compreender uma frase, que quem trabalha com as Máscaras teatrais costuma dizer: "Não é você que escolhe a máscara, mas é ela que lhe escolhe". E por que ela te escolhe? Até onde pode ir esta afirmação? Qual é a história que essa ou aquela máscara me leva a conhecer? Por que o meu corpo reage e se interessa em dar sentidos, expressões e caminhos possíveis a esta máscara, e não àquela outra?

Apresenta-se, então, nesse momento, o que são lampejos de intuição, escolhas de caminhos a partir da promoção do acesso à intuição enquanto atributo a ser aprimorado e estimulado durante a formação do intérprete por meio dos processos criativos, quando, em cada jornada do nosso trabalho, se repete, repete e repete a possibilidade de almas se encaixarem em nossos corpos.

³ Este é um termo cunhado pela autora na busca de dar um sentido imagético ao ato da representação.

Para Schön, os artistas possuem um saber encarnado, um saber que se encontra na totalidade de sua pessoa (comportamento, emoções, atitudes etc.) e que se atualiza na ação. Em arte, a ideia é de que os artistas possuem saberes que são operacionais, mas que estão implícitos, e é desejável que eles sejam explicitados. Para fazer isso, o artista acumulará vestígios de seu trabalho de criação da mesma forma que um etnógrafo documentará os usos e costumes de uma comunidade cultural. (FORTIN e GOSSELIN, 2014, p. 10)

Uma ideia de Corpo e Mente em oposição a uma mente tomada, sem possibilidade de representação, sem poder observar e refletir sobre um tempo primordial e mítico, é um pensamento psicanalítico (LIMA, 2016). Temos na Cultura Africana o corpo atravessado pelo pensamento e o estado presente que valoriza o corpo no aqui e no agora, onde o terreiro é o espaço de resistência e transmissão de saberes. Funda-se na “Aproximação: o corpo, a corporeidade é fundamental.” É um espaço de iniciação (SODRÉ, 2002). No pensamento Nagô é valorizado o espaço e não o tempo, como na cultura hegemônica industrial, onde “tempo é dinheiro”, sugerindo sua aceleração contínua. Isso me inspira a pensar no espaço de estudo e prática cênica a partir dessas referências e ver nas Máscaras a possibilidade de representação de outro tempo, o mítico. Podemos pensar fora da cabeça “quando usamos objetos mediadores como as cartas de tarô, runas e outros objetos adivinhatórios” (SODRÉ, 2017, min 9:43 a 10:33). E aqui, no presente trabalho, pretendo olhar a Máscara como um desses objetos, principalmente em um espaço onde a Vida se manifesta no corpo, na festa e na Alegria, motivos de compartilhamento e exercício do Ser Manifesto. Em contraposição ao AMOR como culpa, pecado, onde se fundamenta o pensamento cristão, Muniz Sodré, escritor, professor e filósofo, nos conta que, o pensamento Nagô é constituído pela ALEGRIA, em sua profunda manifestação corporal, sua lógica fundadora.

Alegria vem de Alaser. Ala é asa. Aser é chão. Você está de uma certa forma alegre quando você perde o chão, está nas Nuvens e nuvem, em latim quer dizer hilaritas, hilaridade e daí vem o riso. A Alegria é uma capacidade metafísica que vem dizer: a afinação perfeita com o mundo. E daí você aprova o mundo tal qual ele existe. O que é que é corpo? O que é potência? O que é alegria? (Sodré, Muniz, 2002, min 13:13 à 15:30)

Memória, Presença e Devir

Por que é que acontece a infantilização no momento de construção da figura do palhaço, por um grande número de aprendizes? Como seria possível propor outro caminho

para a compreensão e elaboração artística do momento da infância? Como resposta a essa questão, conceitos como memória, presença e devir surgiram fortemente. Associando às Máscaras criadas, a esses conceitos foram traçados paralelos: a Memória estaria ligada à Máscara da Infância como referencial imediato de uma vivência cultural ao que chamamos de lembranças; a Presença, o aqui e o agora são referendados pela máscara do Palhaço - o que nos sugere o acontecimento, o ato que nos conecta com o comum - “o resgate do convívio”, ou seja, “o encontro de pessoa a pessoa em escala humana” (ROMAGNOLLI e MUNIZ, 2014, pág.2) e; o Devir ao Ancião, por estar diretamente ligada ao mistério, ao que não sabemos, ao o quê inventamos, criamos, ao processo criativo e à impermanência.

A Máscara do Ancião apresentou-me a Ancestralidade como uma questão central para minha experiência: por que o devir estaria associado ao ancião como sentido de impermanência e, assim, qual seria a resposta, então, ao que chamamos de Ancestral? Como reflexão a essa pergunta, me dispus a abrir mão do pensamento cartesiano, oriundo de uma herança do projeto positivista europeu de “enclausuramento do todo”, e entregar-me à minha intuição, ao meu próprio caminho de artista afro descendente com herança Tupinambá. Diante da diversidade dos corpos que se apresentavam durante essa jornada, pude ir percebendo e fazendo eles perceberem a relação de registro “no osso”, o legado da diáspora africana e dos nossos povos originários. Assim, se apresenta um novo caminho epistêmico, que não o eurocêntrico, para avançar e fundamentar essa jornada de formação artística da(o) intérprete fabuladora(o), no que tange à formação contemporânea do artista de teatro.

Procurou poder narrar, ao final da pesquisa, um processo de pertencimento afetivo, social e cultural propiciado no exercício da prática formativa para colaborar com fundamentos que possibilitem uma visão do trabalho coletivo, em uma pedagogia para a/o intérprete fabulador(a), que tenha na intuição seu elemento basal e que possibilite o encontro com sua narrativa pessoal e sua identidade ancestral.

Tanto as Máscaras do Ancião como da Infância, dentro do processo de formação, são criadas, confeccionadas à mão, são artefatos construídos pelos próprios artistas, que criam corpos e narrativas para elas.

Vale aqui salientar que ainda estou no caminho da busca de pensadoras(es) que sejam de matriz africana ou tenham nela o foco de desenvolvimento de pesquisas na área do

conhecimento afro diaspórico. Estou na encruzilhada, onde, diz o Prof. Dr. Luiz Rufino⁴, é o melhor lugar para se estar!

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FO, Dario. **Manual Mínimo do Ator**. Organização de Franca Rame. Trad. Lucas Baldovino e Carlos David Szlak. 2ª edição. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.

FORTIN, S.; GOSSELIN, P. **Considerações Metodológicas para Pesquisa nas Artes dentro da Academia**. Revista de Pesquisa de Arte / Revista de Pesquisa em Artes, v. 1, n. 1, p. 1-17, 4 de maio de 2014.

FREIXE, P. **O Clown no Ensino de Jacques Lecoq**. Rev. Cena, Porto Alegre, n. 24. 2018.

LIMA, L. T. O. **O Corpo na Psicanálise**: sua Especificidade do ponto de vista da História das Ideias do psicanalista. Sociedade Brasileira de Psicanálise, São Paulo. 2016.

OLIVEIRA, E. D. **Filosofia da Ancestralidade**: corpo e mito na filosofia da educação brasileira. Curitiba, Gráfica e Editora Popular, 2007.

UFBA (Universidade Federal da Bahia) - **CONGRESSO INTERNACIONAL YORUBANTU, mesa de abertura, Caminhos sobre Caminhos: epistemologias das encruzilhadas**, com os Profs. Drs. Eduardo Oliveira, Luís Rufino e Tiganá Santana, mediação do Prof. Doutor Henrique Freitas. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=1Wki3SL-2hw&t=418s>. Acesso em 14/05/2021.

ROMAGNOLLI, L. E.; MUNIZ, M. de L. **Teatro como acontecimento convival**: uma entrevista com Jorge Dubatti. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 23, p. 251 - 261, 2014. DOI: 10.5965/1414573102232014251. Acesso em 14 ago. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/1414573102232014251>. Acessado em: 10/10/2021.

SANDLER, P. C. **Uma Memória do Futuro**, de W.R. Bion. Editora Imago. 1988.

SARTORI, A. e SARTORI, D. **Il Museo Internazionale della Maschera - L'Arte Magica** – a cura di Carmelo e Paola Piizzi. Centro Maschere e Strutture Gestuali. 2005.

SODRÉ, M. **O Terreiro e a Cidade** - a forma social negro-brasileira. Ed.Imago. Salvador/Bahia. 2002.

⁴ Pedagogo, escritor, Doutor em Educação pela UERJ, pós-doutorado em Relações étnico-raciais (Cefet/PPRER) é professor da UERJ-FEBF no Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação.

SODRÉ, M. **O Espaço da África no Brasil**. 2002. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=8asUpAkFbu4>. Acesso em 13/06/2021.